MAIOR PRODUÇÃO, MAS SEM ELIMINAR A FOME E REDUZIR AS EMISSÕES

FELIPPE SERIGATI[1], ANDRÉ DIZ[2], ROBERTA POSSAMAI[3]

No final de junho último, a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) publicou as suas projeções para a produção mundial de produtos agropecuários entre 2022 e 2031. A mensagem trazida por esse relatório é clara: ao longo dos próximos dez anos, não será possível eliminar a fome no mundo sem aumentar as emissões das atividades agropecuárias.

SEGUNDO O Agricultural Outlook 2022-2031, relatório que resulta da parceria da OCDE com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, na sigla em inglês), infelizmente, ainda haverá pessoas em situação de insegurança alimentar e as emissões dos nossos campos devem crescer. Apesar desse desconfortável cenário-base desenhado pela OCDE, há boas notícias: sob condições macroeconômicas normais (talvez um pressuposto forte dada a possibilidade de a economia mundial entrar em recessão), a oferta de alimentos deve aumentar e as emissões do setor devem desacelerar, apesar de ainda crescerem no período.

Nos parágrafos seguintes, vamos detalhar os principais pontos apresentados pelo documento da OCDE que sustentam o cenário-base descrito anteriormente.



SHUTTERSTOCK

CONJUNTURA MACRO: UM MUNDO QUE CRESCE MENOS

Para desenhar a conjuntura macro nos próximos dez anos, a OCDE fez uso das projeções de abril deste ano do Fundo Monetário Internacional (FMI). De acordo com este, o mundo deverá, na média, crescer menos nos próximos dez anos do que se projetava no período pré-pandemia. Sustentando esse cenário, dois fatores merecem destaque:

- as incertezas causadas pelo conflito no Leste Europeu; e
- a elevação nos custos de produção (de fertilizantes e defensivos a combustíveis e energia).

É importante notar que as projeções do FMI e da OCDE ainda não incorporam os efeitos de um provável desaquecimento da economia global decorrente da possível recessão nos Estados Unidos e na Zona do Euro, bem como da desaceleração da economia chinesa. Se, por um lado, esse ambiente de menor crescimento deverá contrair a renda de diversas sociedades; por outro lado, pode ajudar a reduzir diversos custos de produção associados à produção agropecuária. Por exemplo, como o mercado já está precificando o possível cenário de recessão global, o barril de petróleo (Brent) tem operado, até o momento em que este artigo é escrito, abaixo dos US$ 110 desde o início de julho último.

DE ONDE VIRÁ E COMO SERÁ A DEMANDA POR ALIMENTOS ATÉ 2031?

Dada a conjuntura internacional desenhada, a OCDE sugere que a demanda por alimentos será sustentada muito mais pelo crescimento populacional do que pela expansão da renda. Essa demanda adicional virá, principalmente, das economias de renda média e baixa, uma vez que o consumo nas economias desenvolvidas deverá permanecer estagnado, seja devido à ausência de crescimento populacional, seja devido à limitada expansão da renda *per capita*.

O QUE DEVERÁ ACONTECER COM A PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA NOS PRÓXIMOS DEZ ANOS?

Analisando o lado da oferta, a OCDE projeta que o aumento da produção de alimentos virá, principalmente, dos países emergentes e dos países mais pobres. O relatório dá um especial destaque para a expansão da produção de carne suína na China, que, por sua vez, deverá manter aquecida a demanda por ração e outros insumos de produção, conferindo sustentação para as cotações nos mercados de grãos.

A expansão da produção agropecuária estará fortemente associada ao aumento da produtividade. Em números, 80% do crescimento da oferta dos campos deve vir de incrementos da produtividade média. Naturalmente, a forte pressão sobre os custos de produção do setor (especialmente, fertilizantes e energia/combustíveis) dificultará um avanço mais significativo do aumento da produtividade. De qualquer forma, ainda de acordo com a OCDE, uma fração menor do crescimento da produção agropecuária deverá ter origem na expansão da área utilizada. E, ainda assim, essa realidade deverá estar concentrada na Ásia, na América Latina e na África Subsaariana.

Especificamente para as proteínas de origem animal, o aumento na quantidade ofertada deverá dar-se por meio do maior rendimento por animal, decorrente de melhor genética e melhoria da qualidade da sua alimentação. A carne de frango deverá liderar essa expansão, enquanto a oferta de carne bovina crescerá em um ritmo mais modesto. A produção de leite também deverá crescer de forma relevante, e a piscicultura deverá superar a pesca (captura) pela primeira vez no Planeta já em 2023.

Por fim, o comércio internacional continuará sendo essencial para garantir o abastecimento de alimentos e reduzir a fome no Planeta. Países da América Latina, do Caribe, da Europa e da Ásia Central deverão aumentar suas exportações, e a África Subsaariana deverá ampliar as suas importações. No entanto, para garantir esse fluxo comercial, o comércio internacional deverá permanecer cada vez mais aberto, com barreiras comerciais reduzidas e regras claras. Todavia, os custos de frete marítimo podem ser um obstáculo adicional para a oferta de alimentos, notadamente nas economias mais pobres.

DIFICILMENTE SERÁ POSSÍVEL REDUZIR AS EMISSÕES

De acordo com a OCDE, muito provavelmente, as emissões de carbono equivalente da agropecuária deverão crescer ao longo dos próximos dez anos, porém em um ritmo inferior ao da expansão da produção. Por trás dessa dinâmica, há a projeção de maior intensificação da produção e menor participação do rebanho bovino na oferta total de proteína de origem animal. Ainda assim, as atividades agropecuárias não devem contribuir para a redução das emissões de carbono tal qual demandado pelo Acordo de Paris.

Enfim, a OCDE considera pouco provável que o mundo consiga simultaneamente zerar a fome e reduzir as emissões das atividades agropecuárias. Para zerar a fome, seria necessário expandir a produtividade em 28%, mais do triplo registrado na década passada. Dado que a produtividade não deverá crescer nessa intensidade, a sugestão da instituição é aumentar os investimentos e as inovações voltadas para o setor, bem como reduzir desperdícios. ■

ALIMENTOS: DIFERENTES NICHOS DE MERCADO

Naturalmente, a demanda por alimentos não é uma unidade homogênea. Para cada grupo (ou nicho de mercado), há um *driver* da demanda nos próximos dez anos:

- Para as economias mais ricas, os consumidores apresentarão uma preocupação crescente a respeito dos atributos de saudabilidade e de sustentabilidade dos alimentos. Com isso, no período do horizonte de projeção, a demanda *per capita* por açúcar deve diminuir, bem como o consumo de proteína animal deve permanecer praticamente estagnado.
- Já para as economias emergentes, o consumo de alimentos deve prosseguir em uma trajetória de diversificação, aumentando a participação de proteínas de origem animal e ampliando o acesso a cestas mais variadas de produtos.
- Por fim, para as economias mais pobres, a demanda ainda estará fortemente concentrada em alimentos mais básicos e impulsionada pela expansão populacional. É principalmente nesse grupo que dificilmente será possível zerar o quadro de insegurança alimentar até 2031.

1 Doutor em Economia pela Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV EESP), professor e pesquisador do Centro de Agronegócio da FGV (FGV Agro) – felippe.serigati@fgv.br

2 Mestre em Economia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP) e pesquisador do FGV Agro – acosta.diz@gmail.com

3 Mestre em Economia Agrícola pela FGV EESP e pesquisadora do FGV Agro – roberta.possamai@fgv.br